

EXOTISMO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: DOIS TRABALHOS DE ARTE

Exotism in contemporary art: two artworks

Paula Borgui ¹

Resumo: Cada vez mais, no Brasil, é possível observar que a cosmogonia e os estudos pós-coloniais contribuem para a construção poética e conceitual dos processos artísticos, bem como para o conceito de exotismo e para as relações entre natureza e cultura. Com esse intuito, este artigo (de gênero neutro) visa analisar tal discussão, tomando como referência dois trabalhos de arte de Paulo Nazareth e Zé Carlos Garcia.

Palavras-chave: Exotismo, Arte Contemporânea, Paulo Nazareth, Zé Carlos Garcia

Abstract: *More and more, cosmogony and post-colonial studies contribute to the poetic and conceptual construction of artistic processes in Brazil, as well as to the exoticism concept and to the relationships between nature and culture. With this purpose, this paper (gender neutral) intends to analyze such discussion using two artworks as a reference from Paulo Nazareth e Zé Carlos Garcia.*

Keyword: *Exoticism, Contemporary Art, Paulo Nazareth, Zé Carlos Garcia*

¹ Paula Borghi (São Paulom 1986), mestranda em Artes Visuais na linha de pesquisa de História e Crítica de Arte pelo PPGAV/UFRJ e Bacharel em Artes Visuais pela FAAP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0047222225476106> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0903-5774>

Introdução



Figura 1. Paulo Nazareth, Penso que é sobre pássaros e gente, 2007-2008. Vídeo de 14'25". Fonte: <<https://vimeo.com/185828057>>. Captura de tela do vídeo descrito no parágrafo anterior, que mostra o artista de frente, em plano americano, com cenário do mercado ao fundo.

Este artigo diz respeito a um estudo desenvolvido no mestrado de História e Crítica da Arte na UFRJ (PPGAV). Procura-se promover uma discussão teórico-crítica do exotismo na arte contemporânea, através de autores que se dedicaram a rever as noções entre natureza e cultura. Neste trabalho, procura-se relacionar os temas abordados com as obras de arte “Penso que é sobre pássaros e gente” (2007-2008), de Paulo Nazareth, e “Ganimedes” (2016), de Zé Carlos Garcia.

Na performance, registrada em vídeo, “Penso que é sobre pássaros e gente”, o artista vestido com um terno, caminha pelo antigo Mercado Público de Belo Horizonte com uma gaiola na cabeça, dividindo-a com um canário. Ao longo da performance, o artista encontra um homem que

imita o som dos pássaros com a boca, algumas pessoas o fotografam e outras o encaram com uma expressão de susto e curiosidade, chegando a dizer coisas como “O que que é isso? Eu sei não.”. O vídeo tem duração de aproximadamente quatorze minutos e meio e apresenta a ação realizada a partir de uma edição com cortes secos e sem manipulação do áudio local.

A obra “Ganimedes” comporta-se como uma espécie de escultura de pássaro gigante, capaz de tocar o piso e o teto do ambiente de um espaço expositivo. A instalação do trabalho na Galeria Zipper (como parte da programação do ZipUp, em 2016) convidava o espectador a caminhar ao seu redor, ao mesmo tempo que o obrigava a passar por debaixo da obra para poder completar uma volta de 360°. A imagem que se tem do trabalho na exposição pode ser lida em associação com a de um pássaro preso em uma gaiola humana, no caso, o “cubo branco”.



Figura 2. Zé Carlos Garcia, Ganimedes, 2016, penas de pássaro, dimensões variáveis. Fonte: <<https://zecarlostgarcia.com.br/obras/ganimedes/>>. Fotografia na obra em espaço de galeria com paredes e teto branco, que mostra grande estrutura feita de plumas escuras, suspensa próximo ao teto, com porta iluminada ao fundo.

Dos artistas referenciados, Paulo Nazareth (Governador Valadares, 1977) vive entre Belo Horizonte e em países do Continente Africano. Ele explora, com frequência, suas raízes africanas e indígenas, a partir de performances e de instalações. Já Zé Carlos Garcia (Aracajú, 1973), vive e trabalha no Rio de Janeiro, e discorre sobre suas heranças coloniais e indígenas através da escultura em campo expandido. Ambos tecem uma produção artística com conceitos e visualidades próprias do exotismo, questionando cada qual, com sua subjetividade, as noções entre natureza e cultura.

Analisando qualitativamente e quantitativamente as pesquisas desses dois artistas e indo além dos trabalhos referenciados neste artigo, as séries “Notícias de América” (2011-2012), de Paulo Nazareth, e “Pássaro” (2009-2018), de Zé Carlos Garcia, constituem parte significativa do corpo de obra de cada um deles. São séries desenvolvidas durante um período extenso e que se desdobraram em um número significativo de trabalhos, que podem ser apresentados de forma independente uns dos outros. Desdobramentos que, bem como em “Penso que é sobre pássaros e gente” e “Ganimedes”, são obras capazes de ressignificar o exotismo através das relações entre natureza e cultura, no encontro entre saberes cosmogônicos e estudos pós-coloniais.

Entretanto, a escolha pontual de “Penso que é sobre pássaros e gente” e “Ganimedes” para este artigo se dá através da visualidade presente em ambas as obras, que confluem tanto nos campos estético e poético, como no campo conceitual. Uma proximidade que se faz evidente através da presença dos pássaros e das plumas em ambos os casos e que são ícones do exotismo brasileiro.

Vale ressaltar que “Penso que é sobre pássaros” e gente e “Ganimedes” são obras que marcaram a produção desses artistas, cada qual à sua maneira. Para Paulo Nazareth, este é um de seus primeiros trabalhos e foi proposto, pela primeira vez, em 2007, dentro das ações do Kaza Vazia. Já para Zé

Carlos Garcia, este trabalho celebra sua primeira individual em São Paulo, uma cidade referência para a cena cultural brasileira.

Exotismo e arte

De forma sucinta, é possível compreender o exotismo através da geografia (em que a distância do outro é dada espacialmente pelas características do meio ambiente e, frequentemente, refletida em diferenças étnicas e comportamentais), do momento histórico (geralmente num passado ou futuro idealizados) e da sexualidade (no que diz respeito à diferença entre sexos).

Considerando esses aspectos relacionados às obras de arte aqui em questão, é possível inferir que a pluma e o pássaro são ícones daquilo que marca a estética do exotismo no Brasil. A diversidade de aves na fauna brasileira se encontra em abundância, porém, cada vez menos colorindo o céu e as indumentárias dos povos originários. O imaginário dos “artistas viajantes”, seja através de palavras ou imagens, dos séculos XVI a XIX, era repleto de pássaros e plumas, compartilhando com o mundo tais imagens e imprimindo-as de tal forma que elas ainda se fazem presentes.

Nas Américas, as indumentárias plumárias são, frequentemente, anunciadas ao longo da história como característica de seus povos originários. Como bem discorre Nicole Pellegrin, no capítulo “*Vetements de peau(x) et de plumes la nudite des indiens et la diversité du monde au xvie siècle*”, do livro “*Voyager a la renaissance*”, o pensamento da superioridade do Velho Continente (Europa) sobre o Novo Mundo (América) se dá, também, através da proclamação das virtudes assimilativas de sua civilização, através da vestimenta. Se na Europa usavam roupas, na América, quando muito, usavam plumas.

Como um exemplo imagético e histórico, parece válido referenciar os

chamados “artistas viajantes”, tal como o holandês Albert Eckhout. A pedido da corte holandesa, entre 1637-1644, Eckhout residiu em Pernambuco, com a tarefa de retratar o Brasil para os europeus, junto aos artistas Frans Post e Georg Marcgraf. Além da legitimidade incontestável de Eckhout na História da Arte, seus desenhos e pinturas, no que dizem respeito a essa expedição, atuam como documentos visuais de uma época. Uma produção artística capaz de contextualizar as impressões do exotismo europeu sobre os povos originários do Brasil no sec. XVII.



Figura 3. Albert Eckhout, Dança dos Tarairiu (Tapuias), sec. XVII, óleo sobre tela, 172 × 295 cm, coleção do Museu Nacional da Dinamarca. Fonte: <<https://samlinger.natmus.dk/search?q=Albert+Eckhout>>. Imagem horizontalizada de dez indígenas com lanças em mãos, em movimentos de dança que retira uns dos pés do chão e ergue as lanças com uma das mãos. A maior parte da imagem é ocupada por corpos masculinos. No canto direito, um dos homens olha na direção de quem observa e, ao fundo, duas mulheres conversam com as mãos sobre as bocas.

Para além das representações humanas e de costumes, em que é possível encontrar a presença de plumas, Eckhout apresenta uma série de pinturas dedicadas, exclusivamente, às aves do Brasil. Seu encanto pela fauna e flora, além de uma demanda da corte holandesa, acentua o olhar da alteridade na construção do exotismo brasileiro.

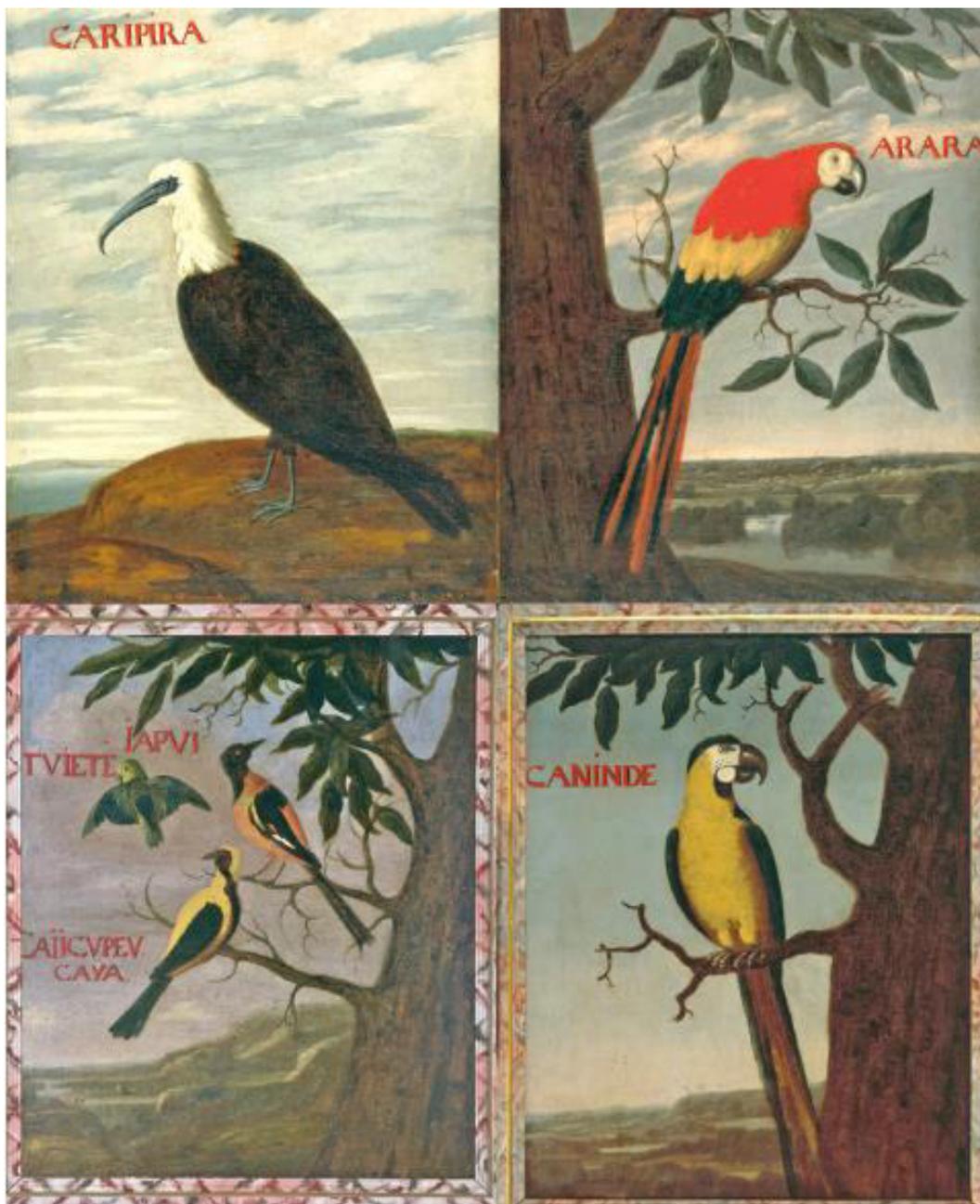


Figura 4. Albert Eckhout, da série aves do Brasil, sec. XVII, óleo sobre tela, dimensões variadas, coleção do Castelo de Hoflössnitz. Fonte: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34640/37378>>. Quatro imagens organizadas em um quadro. As imagens mostram ave inscrições com seus nomes em vermelho. O primeiro quadro mostra caripira, o segundo mostra arara, o terceiro mostra japvi, tvete e caiicvpev caya, e o quarto mostra caninde.

A identificação do pássaro e das plumas como ícones da subjetividade projetada pela alteridade acerca do Brasil é um dado histórico que tem se escrito há mais de cinco séculos. A construção de um Brasil adornado por

plumas e repleto de pássaros é, até os dias de hoje, replicado e celebrado. Entretanto, quanto mais plumas e pássaros são consumidos, absorvidos e propagados pela alteridade, menos exóticos eles são. Isto é, quanto mais o exótico passa a ser conhecido e incorporado pelo outro, mais comum ele se torna.

Nesse sentido, ao longo da História da Arte, é possível compreender a relação entre a criação artística e o exotismo como um caminho capaz de romper com lugares de afirmações e tradições. Uma vez que, por exemplo, é possível reconhecer a transferência cultural e sua contribuição para a desconstrução do exotismo, como cita Eugenio Murillo Fuentes, professor da Escola de Artes Plásticas na Universidade da Costa Rica:

Lo exótico, por desconocido y ajeno, tiende a resultar atractivo, muy especialmente para la creación artística. Al ser lo exótico, por definición, aquello que está en otro sitio o en otro tiempo, el acto creador que recurre a lo exótico se da mediante la apropiación. El modernismo literario, tan latinoamericano, se apropia de lo europeo y encuentra una gran fuente de recursos en la pintura romántica francesa. Por su parte, la pintura romántica francesa ya se había nutrido de elementos africanos, mediorientales y asiáticos. Así, la apropiación creativa e inteligente ha sido, y sigue siendo, fundamental en el arte. (FUENTES, 2005, p. 197).

Frente a isso, por que não pensar que, quanto mais o exotismo for apropriado pela arte contemporânea, menos exótico ele será? Ou seja, pensar o exotismo na arte contemporânea como um meio capaz de romper com pensamentos impostos pela colonialidade e como uma ferramenta para discussões acerca da herança colonial, da alteridade entre a Europa e a América, da perversidade na construção da figura indígena e da capitalização da natureza como “bem natural”, isso é, o exótico como uma constante (re)definição de alteridades e identidades.

Dessa forma, é possível perceber uma visualidade daquilo que é lido como exótico a favor da atualização de seu próprio entendimento, como também observar uma contribuição para a atualização do pensamento

moderno ocidental acerca de cultura e natureza. Pensar o exotismo em confluência com saberes cosmogônicos e os estudos pós-coloniais sobre natureza e cultura parece um processo inevitável para a análise das obras de Paulo Nazareth e Zé Carlos Garcia supracitadas.

Outras perspectivas sobre natureza e cultura

Até pouco tempo, era possível afirmar e aceitar, sem despertar nenhum embate ou constrangimento, que a “natureza” poderia ser definida como tudo aquilo que existe no mundo sem intervenção do gesto humano (oceanos, montanhas, florestas etc.) e a “cultura” como tudo aquilo que o toca (obras de arte, leis, ferramentas, cidades, idiomas etc.). Entretanto, cada vez mais, o pensamento moderno do homem ocidental hegemônico como protagonista da cultura tem sido questionado, problematizado e desconstruído.

Os parâmetros que definem a dicotomia entre “natureza” e “cultura” encontram-se fortemente abalados a partir do conhecimento de diversos saberes dos povos originários e dos estudos pós-coloniais. É notável como que, atualmente, filósofos, historiadores da arte, antropólogos, artistas, curadores, sociólogos entre outros profissionais, incorporam em suas práticas os ensinamentos de diversas cosmogonias.

Vale mencionar o escritor, xamã e líder político Davi Kopenawa e o escritor, filósofo e líder político Ailton Krenak, indígenas contemporâneos de extrema importância para a desconstrução das noções ocidentais que tangem os conceitos de natureza e cultura, bem como os antropólogos brancos Peliphe Descola e Eduardo Viveiros de Castro. São figuras que rompem com a ideia moderna hegemônica ocidental do ser humano como protagonista da cultura e com os parâmetros que definem os humanos (nós) e os não humanos (plantas e animais).

No livro “A queda do céu”, Davi Kopenawa compartilha, na forma de um testemunho poético autobiográfico, parte de seus saberes cosmogônicos. Para além das subjetividades críticas e sensível que suas palavras alcançam, o autor relata a capacidade do povo Yanomami de enxergar a humanidade naquilo que o “povo da mercadoria”, o “homem branco”, é incapaz de perceber. Isto é, entender plantas e animais como pessoas ou sujeitos; uma humanidade através de sua essência e não através de aspectos físicos e biológicos.

De encontro, Ailton Krenak critica ferozmente a ideia de humanidade como algo separado da natureza. Conforme uma de suas parábolas, que há tempos tem despertado não indígenas para a compreensão do mundo através da cosmovisão, o autor alerta sobre a importância de compreender o mundo como parte da humanidade e não como fonte de recursos para esta. Segundo suas palavras:

Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra. (KRENAK, 2015, p. 21).

Como etnógrafo, Philippe Descola trabalhou com o povo indígena Achuar, da Amazônia equatoriana. Como antropólogo, ele comparou povos indígenas de outros territórios para a elaboração de sua pesquisa. Tal como os Yanomamis, ele compreendeu que, para os Cri (indígenas do norte de Quebec, Canadá) a diferença entre os animais e os homens é mera questão de aparência, uma ilusão dos sentidos baseada no fato de que o corpo dos animais é um tipo de fantasia que vestem quando os humanos estão por perto, a fim de enganá-los sobre sua verdadeira natureza.

Pensamentos que vão de encontro com o que Eduardo Viveiros de Castro denomina de “perspectivismo ameríndio”. De forma sintética, a noção se

refere a concepções dos povos originários da América que reconhecem como humanos não apenas aqueles “aparentados” como tal, mas outros seres que se apresentam na forma de animais, espíritos ou modalidades de não humanos. Isto é, a humanidade só se torna visível para quem é capaz de assumir a perspectiva de outros e vê-los como humanos. Logo, a humanidade não se restringe à noção da espécie humana, mas a condição reflexiva de sujeito.

O modo com que são compartilhados os saberes dos povos originários da América, nos levam a pressupostos que são essenciais para a desconstrução da noção hegemônica ocidental dos preceitos modernos e institucionalizados acerca de “natureza” e “cultura”. Enquanto alguns traduzem para a escrita os ensinamentos cosmogônicos, as artes visuais se valem de imagens, objetos, ambientes e situações. Assim como as palavras, uma série de trabalhos de arte despertam o fato de sermos enganados sobre a verdadeira natureza dos animais.

Em “Ganimedes”, é possível observar a condição reflexiva do sujeito sob a perspectiva do animal. Trata-se de um pássaro que ganha dimensões agigantadas e constrói quase que automaticamente a ideia de um homem-pássaro. Como se fosse possível ver o corpo humano através desse corpo coberto por plumas, mesmo que sua representação não estivesse propriamente lá.

Enquanto Zé Carlos Garcia questiona as relações entre homem e animal através da presença humana que este pássaro agigantado evoca, Paulo Nazareth faz o mesmo pelo caminho inverso. Em “Penso que é sobre pássaros e gente”, o artista se coloca na mesma dimensão física do animal, ao dividir uma gaiola com ele, fazendo com que não haja distinções hierárquicas entre eles.

Seja através do estranhamento em se deparar com um homem caminhando com uma gaiola na cabeça, dividindo-a com um pássaro ou através da beleza monumental desse pássaro negro preso no cubo branco, o espectador é convidado a se perceber como parte dessa natureza: o

homem como pássaro, o pássaro como homem. Quando essa equação é consolidada através de uma estética própria do exotismo, as barreiras entre cultura e natureza estremecem. Ou seja, são trabalhos contemporâneos que, a partir do exotismo, despertam outras perspectivas sobre cultura e natureza.

Referências

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: N-1, 2015

PELLEGRIN, Nicole. Vêtements de peaux et de plumes: la nudité des Indiens et la diversité du monde. In: CEARD, Jean; MARGOLIN, Jean-Claude (dir). **Voyager à la Renaissance**. Actes du Colloque de Tours. 30 juin – 13 juillet, 19983. Paris: Éditions Maisonneuve et Larose, 1987. p. 509-530.

FUENTES, Eugenio Murillo. Exotismo en el arte. **Kañina**, Rev. Artes y Letras, Univ. Costa Rica. Vol. XXIX (1y2), p. 197-207. 2005.

Texto recebido em: 29 abr. 2021.

Publicado em: 19 jul. 2021.

Como citar este artigo: Borghi, P. Exotismo na arte contemporânea: dois trabalhos de arte. *Revista Do Colóquio*, (20), 60-71. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/35360>